



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

Aracaju - SE, 13 a 19 de maio de 2013, Ano XXX, Edição 1570



www.cinform.com.br

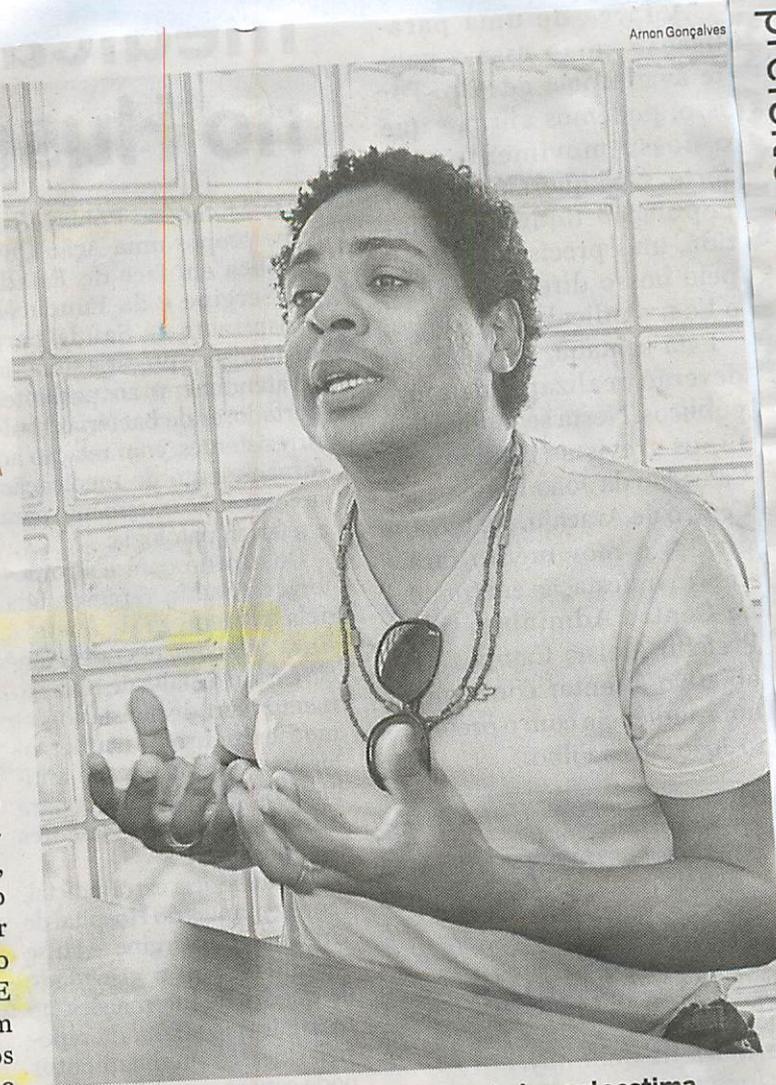
CINFORM

Apenas 8,9% dos parlamentares da Câmara Federal se consideram negros ou pardos, mas população branca é minoria. Garantia de poder eleva autoestima dos negros

Niúra Belfort

cadernoum@cinform.com.br

■ Um, dois, dez, cem, mil? Quantos negros ocupam cargos de comando em Sergipe? Difícil mensurar. Até porque, no Brasil, o cidadão tem que se autodeclarar negro, branco, pardo ou indígena, para assim ser considerado. No Tribunal de Justiça do Estado - TJSE -, por exemplo, há, pelo menos, um juiz negro - o sergipano Edinaldo César Santos Junior. No Ministério Público do Estado - MPE -, dois promotores também são, assumidamente, negros - Luís Fausto Valois e Rogério Ferreira.



Arnon Gonçalves

Andrey: desigualdade contribui para baixa autoestima

Herança escravocrata reflete ausência de negros no poder
No País, só o prefeito de Aracaju é negro, entre os mandatários das capitais

Um levantamento realizado pela Agência Brasil comprova que Aracaju tem o único prefeito negro das capitais brasileiras - o engenheiro civil João Alves Filho, DEM, e, ao que parece, é o único, também, em Sergipe. No legislativo, a presença de negros ainda é ínfima, se considerados os dados do Censo 2010 do IBGE. Durante a realização da pesquisa, 7,6% dos brasileiros se declararam negros e 43,1% pardos, o que equivale a 50,7% da população, portanto, a maioria.

Mas, na Câmara dos Deputados, apenas 46 dos 513 parlamentares, ou seja, 8,9% se consideram negros ou pardos. A Agência Brasil aponta ainda que, dos 81 senadores da atual legislatura, o único que se admite negro é Paulo Paim, PT/RS. Outro dado chama a atenção. Uma pesquisa realizada pela Associação dos Magistrados Brasileiros - AMB - constata que menos de 1% dos juizes do País são negros.

ESCRavidÃO

Afinal, por que há tão poucos negros e pardos em postos de comando em Sergipe

“Quais as oportunidades que os negros tiveram desde a Abolição da Escravatura? Eles foram jogados nas ruas, sem casa, emprego, saúde e educação. Isso provocou uma desigualdade social a partir de uma desigualdade racial”

ANDREY LEMOS

coordenador-geral da União de Negros pela Igualdade - Unegro/SE

e no Brasil? Para o professor de História Andrey Lemos, especialista em Ensino de História e Novas Abordagens e coordenador geral da União de Negros pela Igualdade - Unegro/SE -, o principal fator é a gigantesca herança escravocrata.

“Quais as oportunidades que os negros tiveram desde a Abolição da Escravatura? Eles foram jogados nas ruas, sem casa, emprego, saúde e educação. Isso provocou uma

desigualdade social a partir de uma desigualdade racial”, afirma.

O juiz de Direito Edivaldo César Santos Junior, da Comarca de Maruim, mestre em Direitos Humanos pela Universidade de São Paulo - USP -, ressalta que, após a abolição, os negros passaram a viver à margem da sociedade. Muitos nem falavam a língua do branco. E, para agravar ainda mais a situação, criminalizou-se a capoeira, a mendicância e vadiagem. “Ora, quem jogava capoeira e pedia esmolas porque não tinha emprego? Eram os negros. O rico podia vadiar, mas os pais os sustentavam”, enfatiza.

PODER ECONÔMICO

O magistrado destaca ainda que, no final do século 19 e início do século 20, estudiosos definiam as características dos grandes delinquentes como pessoas de nariz e lábios grossos, de pele escura e cabelo crespo. “Bastava isso para ser suspeito”, diz. Ao contrário dos negros, os brancos tinham acesso, principalmente, à educação.

Isso fez toda a diferença.

Para Neilson Santos Meneses, professor de Geografia da População da Universidade Federal de Sergipe - UFS -, a educação é um fator determinante para o cidadão alcançar postos de comando. “A educação pública perdeu qualidade e a elite branca, que pode pagar, estudou em escolas particulares. Por isso, ela consegue alcançar postos de maior prestígio, principalmente, depois de ingressar em cursos de Medicina, Direito e Engenharias”, afirma. A ascensão dos brancos na política, também, estaria muito ligada à educação. “As pessoas com mais qualificação fazem parte dessa elite e, portanto, conseguem ter maior sucesso econômico. E esse poder influencia no resultado eleitoral”, argumenta o professor.

Os números do Censo 2010 confirmam essa disparidade. A pesquisa mostra que 29,29% dos negros ganham até um salário mínimo contra 25,3% brancos. Dos 1.532 sergipanos que ganham mais de 30 salários mínimos, 899 são brancos e apenas 73 são negros. Em relação à formação, 13,24% dos brancos têm nível superior contra 6,01% dos negros.

CONSOLIDAÇÃO

Toda essa trajetória de desigualdades reflete-se no resultado da pesquisa. Dos 2,1 milhões de habitantes de Sergipe, apenas 184 mil se consideram negros, ou 8,9% do total. Em contrapartida, há 1,2 milhões de pardos, o

E o que é possível ser feito para reverter esse quadro tão desigual? Investir na qualidade da educação básica, manter as ações afirmativas, a exemplo das cotas, ampliar o quadro de oportunidades permitindo a inserção do negro no mercado de trabalho e o número de vagas nas universidades públicas são saídas apontadas pelo magistrado e professores para que mais negros alcancem postos de poder.

Isso dá visibilidade à identidade e contribui para elevar e consolidar a autoestima da população negra. Andrey Lemos defende, ainda, a adoção de políticas públicas que combatam todo tipo de intolerância, inclusive o racismo, e a inclusão do ensino da cultura e da história afro-brasileira nas escolas, conforme prevê a Lei 10.639 de 1996. O professor Neilson Meneses, considera que, através da educação é possível enfatizar a riqueza da diferença e a importância do enriquecimento que outras culturas podem proporcionar. ■

COMENTE ESTA MATÉRIA
opine@cinform.com.br

que equivale a 61,39%. “Para nós, pardos e negros são a mesma coisa. Mas a imagem de que o negro é feio, mal educado, preguiçoso e incapaz está enraizada no imaginário popular e isso faz com que essa população não se

reconheça como negra, e não tenha orgulho da contribuição que deu na formação da identidade brasileira”, salienta Andrey.